



# Estudantes Negros na Unicamp: Experiências e desafios

**Palavras-Chave:** vivências, pertencimento, estudantes negros

**Autores(as):**

**Laysla Gabrielle Da Silva Lima, FCA - UNICAMP**

**Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Prof. Dr. Eduardo Marandola Jr. (orientador), FCA - UNICAMP**

**Tiago Rodrigues Moreira (co-orientador), IG - UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a presença de estudantes negros em cursos do ensino superior cresceu significativamente. Segundo a pesquisa publicada em 2019 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), cerca de 18% das pessoas negras de 18 a 24 anos estão inseridas em uma universidade. No entanto, o aumento de estudantes negros nessas instituições não é nenhum indicativo de que a nossa sociedade tenha se tornado igualitária e inclusiva. Então, a simples presença desses indivíduos não anula a realidade em si (Silva, 2020).

Na dissertação de mestrado de Júlio Costa da Silva (2001), “A Exclusão do Negro na universidade pública: história oral de graduandos afro-brasileiros da Unicamp”, o autor explicita que o problema da exclusão do estudante negro no ensino superior se agrava fortemente. Silva redigiu entrevistas em cursos de ensino superior com mais de 90 alunos por turma, apenas uma a três pessoas eram negras, sinalizando que a ausência de estudantes negros no ensino superior é uma constante, sendo tal processo o que reforça a tendência que exclui a população negra do acesso à universidade.

Esta pesquisa, conduzida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), buscou trazer à luz às experiências vividas pelos estudantes negros presentes em diversos cursos. O estudo revelou uma série de desafios, histórias, e a busca por pertencimento em um lugar que muitas vezes ainda reflete e reproduz estruturas racistas.

## METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza interdisciplinar, possui uma orientação fenomenológica (Ales Bello, 2004), o que implica uma forte ênfase na experiência, tanto dos conversantes (os habitantes do lugar) quanto do próprio pesquisador (Critelli, 2007). A própria pesquisa é a criação de uma circunstância, uma situação própria de produção do conhecimento, o que implica o envolvimento e afetação do pesquisador no e com o lugar e seus habitantes.

O ponto fundamental da pesquisa foi o trabalho de campo, pois o mesmo levou a pesquisadora a conhecer novos estudantes negros de diferentes nacionalidades, histórias e vivências. O trabalho de campo também deslocou a pesquisadora em direção às perguntas originais, abrindo possibilidades de perguntas sem o domínio da resposta.

Foram realizadas diversas conversas em diferentes formatos (conversas presenciais, conversas com dois estudantes ao mesmo tempo, conversas remotas, conversas na moradia da Unicamp em Barão Geraldo, em repúblicas e na própria universidade).

Ressalta-se que, para esta pesquisa, os participantes optaram pela menção nominal de seus nomes.

Estudantes participantes da pesquisa:

- Beatriz, 21 anos, graduanda de Fonoaudiologia na FCM (Faculdade de Ciências Médicas)
- Temidayo, 34 anos, pós-doutorando sobre transição energética na FCA (Faculdade de Ciências Aplicadas).
- Felipe, 21 anos, graduando de Administração Pública na FCA (Faculdade de Ciências Aplicadas).
- Diana, 27 anos, graduanda de Engenharia Ambiental na FT (Faculdade de Tecnologia).
- Francly, 24 anos, graduando de Engenharia de Telecomunicações na FT (Faculdade de Tecnologia).
- Lauro, 33 anos, doutorando de Antropologia no IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas).
- Luiz, 24 anos, graduando de Ciências do Esporte na FCA (Faculdade de Ciências Aplicadas).
- Luiza, 19 anos, graduanda de Administração Pública na FCA (Faculdade de Ciências Aplicadas).
- Jenifer, 22 anos, graduanda de Administração na FCA (Faculdade de Ciências Aplicadas).
- Claudeth, 25 anos, graduanda de Administração Pública na FCA (Faculdade de Ciências Aplicadas).
- Laysla (pesquisadora), 21 anos, graduanda de Administração na FCA (Faculdade de Ciências Aplicadas).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A chegada à universidade foi descrita como algo “estranho” por Beatriz, Lauro, Felipe, Jenifer em um ambiente majoritariamente branco e elitizado. Tal ambiente, contribuiu para um sentimento de não-pertencimento entre os estudantes negros, onde a instituição aparenta transferir a responsabilidade de “se fazer pertencer”, algo visto não só entre os estudantes brasileiros, mas também com os estudantes estrangeiros.

Além de todas as demandas acadêmicas, os estudantes negros ainda precisam lidar com uma violência cotidiana, como exposto por Grada Kilomba (2019), de racismo velado e microagressões, se

manifestando de diferentes formas: desde olhares estereotipados, até expectativas acadêmicas mais baixas.

Uma das descobertas mais marcantes da pesquisa e do envolvimento com a pesquisadora, foi no contraste da percepção de identidade racial entre os estudantes brasileiros e estudantes africanos.

No contexto brasileiro, a identidade negra é um conceito construído histórica, social e culturalmente, implicando processos de reconhecimento e afirmação que o sujeito negro faz de si mesmo, de seu 'eu', a partir de diálogos externos e internos (Gomes, 2002).

A metodologia fenomenológica da pesquisa permitiu explorar a identidade não como um conceito unificado, mas como uma vivência e percepção construída de forma distinta por cada indivíduo, em diferentes contextos.

Um exemplo é Diana, estudante de Engenharia Ambiental e nativa de Cabo Verde, explicou durante as conversas que enquanto estudantes crescidos no Brasil crescem com certa “malícia” acerca do racismo desde a infância, estudantes africanos possuem uma descoberta da negritude no Brasil. Em seus países, a raça não era algo central no cotidiano; esses estudantes eram “apenas eles”.

Diante desses desafios, a pesquisa também destaca a resiliência dos estudantes negros. Nós buscamos e criamos ativamente nossas próprias redes de apoio e espaços seguros. Isso inclui a escolha de moradias com pessoas negras, que se tornam um diferencial na vivência universitária, a formação de grupos de amigos que criam um vínculo afetivo, até a frequência a locais externos à universidade, como a Casa de Cultura Tainã em Campinas, que promove a valorização das manifestações artísticas, culturais, sociais e de outros elementos de comunidades tradicionais brasileiras, ou a P-Black Company em Limeira, sendo um evento voltado para pessoas negras.

Estudantes como Claudeth, Felipe e Beatriz também se engajam em coletivos como a Conexão Preta e grupos de luta contra o racismo. Há um forte reconhecimento da universidade como um espaço para lutar por melhorias e contribuir para futuras gerações. A presença na universidade é vista não apenas como uma mudança da realidade da família, mas como uma responsabilidade da sua contribuição para corrigir estereótipos e fortalecer a população negra no Brasil.

## **CONCLUSÕES**

Portanto, as experiências dos estudantes negros em universidades públicas são multifacetadas, sua presença física não anula as realidades de exclusão e as manifestações de racismo estrutural. A metodologia fenomenológica foi crucial para auxiliar a enxergar as camadas mais profundas dessas experiências. Para a Unicamp e outras instituições, a pesquisa aponta a necessidade de ir além das cotas, implementando políticas ativas de acolhimento, promovendo a representatividade em mais níveis. A universidade, apesar de suas falhas, emerge como um espaço de potencial transformação e de luta coletiva, onde a ascensão social individual se entrelaça com o compromisso de pavimentar o caminho para as futuras gerações.

## REFERÊNCIAS

ALES, BELLO, Angela. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. Bauru: Edusc, 2004.

CRITELLI, Dulce M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SILVA, Júlio Costa da. A exclusão do negro na universidade pública: história oral de graduandos afro-brasileiros da Unicamp. **Dissertação (Mestrado em História)** – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, Tatiana. **Ação afirmativa e população negra na educação superior: acesso e perfil discente**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019.